



**SOCIEDADE
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

19 a 22 Junho 2012

Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

ÁREA TEMÁTICA: Migrações, Etnicidade e Racismo

MULHERES BRASILEIRAS EM PORTUGAL: O QUE ESCONDE UM SORRISO?

FRANÇA, Thais

Doutoranda em Sociologia – Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo,

Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra (CES-UC),

francathais@yahoo.com.br

Resumo

De acordo com os dados oficiais portugueses no ano de 2010 o número de mulheres brasileiras no país era superior ao de brasileiros e constituía a maior comunidade feminina imigrante. Além da relevância numérica outro aspecto importante em relação a esse fenômeno concerne ao imaginário colonial e ao estereótipo existente em Portugal acerca dessas mulheres. São vários os discursos circulantes no país que criam, reproduzem e reafirmam a imagem da mulher brasileira como a mulata hipersexualizada, erótica e exótica. Diante do exposto o objetivo deste estudo consiste em analisar e compreender qual o papel desse imaginário no processo de inserção laboral das imigrantes brasileiras em Portugal. Para tanto, entrevistou-se e analisou-se, à luz das teorias da Análise Crítica de Discurso (ACD), o discurso de 15 mulheres brasileiras imigrantes que trabalham em Portugal e algumas matérias veiculadas pela mídia portuguesa. Observou-se que o imaginário português em relação as imigrantes brasileiras não apenas constitui-se como uma forma de violência simbólica, mas também atua negativamente no processo de inserção laboral dessas mulheres, uma vez que legitima um lugar de subalternidade traduzido na oferta de trabalhos precários, instáveis, mal remunerados e com pouco prestígio social. Tal dinâmica laboral de segregação étnico-racial e sexual contribui de forma direta para a vulnerabilização e marginalização dessa população, realimentando a estigmatização das mulheres brasileiras imigrantes na sociedade portuguesa.

Abstract

In 2010 the number of Brazilian Women in Portugal was higher than the number of Brazilian men and also it constitutes the largest female immigrant population in the country. Beyond its numerical relevance, other important aspect regarding this phenomenon is the colonial imaginary and the stereotypes about Brazilian women. There are various and different discourses in the country which create, reproduce and reaffirm the image of Brazilian women as the hypersexualized, erotic and exotic mulata. Based on that this paper aims at analyzing and comprehend which role this imaginary plays in the labor market entrance process performed by these immigrants. To do so, 15 women were interviewed and their discourses were analyzed through the Critical Discourse Analysis theories. It was observed that not only the colonial imaginary about Brazilian women is a form of symbolical violence, but it also acts negatively in their labor market's entrance process, because it legitimates a subaltern social position translated in the precarious job offers. This racial and sexual labor market segregation dynamic contributes directly to this population's vulnerability and marginalization, feeding back their stigma on the Portuguese society.

Palavras-chave: Brasileiras; Segregação; Imigração; Mercado de Trabalho

Keywords: Brazilian Women, Segregation, Immigration, Labor Market

PAP0490

1. FEMINIZAÇÃO DA IMIGRAÇÃO PARA PORTUGAL

Costuma-se dizer que a história moderna de Portugal começou a ser escrita com a revolução de 75. A restauração da democracia, o fim do período colonial, o desenvolvimento do setor de serviços e das indústrias, a entrada na União Europeia e tantos outros episódios marcantes parecem confirmar essa ideia (Estanque, 2005a; Santos, 2011). Foi também nesse contexto que o país começou a receber de forma mais sistemática e intensa os primeiros grupos de imigrantes, dando origem a um movimento que se estendeu por vários anos e abrangeu diversas nacionalidades, inclusive algumas com quem Portugal não compartilhava nenhum passado histórico ou cultural comum. Apenas a partir dos primeiros sinais que anunciavam a crise econômica em 2008 foi que esse fluxo migratório iniciou o seu declínio, porém mantendo-se mesmo que discretamente até os dias atuais (Sabino & Peixoto, 2009).

Historicamente a imigração para Portugal tem sido marcada principalmente pela população masculina e embora tenha crescido significativamente o número de mulheres (segundo os dados do SEF (2011) em 2010 as mulheres representavam 49% da população imigrante total, enquanto em 2000 representavam apenas 41%) não foram todos os fluxos migratórios que se feminizaram por igual. *“A desagregação por género relativamente à distribuição por grandes zonas geográficas de origem revela que a percentagem de mulheres nos vários grupos de nacionalidades presente em território nacional não é homogêna, nem experimenta uma evolução semelhante em todos eles”* (Marques & Góis, 2012, p. 26). Porém, tal fato não deve tirar a relevância de estudos sobre esse tema, pois o aumento da imigração feminina mostra-se como uma tendência e como referido acima, traz elementos inéditos e inovadores para o fenômeno migratório para o país.

É por ter essa compreensão que alguns investigadores e investigadoras têm se dedicado há algum tempo, ainda que de forma pontual, a essas questões. Aqui são de citar os estudos de Catarino, 2007; Malheiros & Padilla, 2010; Padilla, 2007; Peixoto & et. al, 2006; C. A. Santos, 2007; Wall & et. al, 2005, entre outros. Esses trabalhos são ricos porque mapeiam de forma mais geral a presença das mulheres imigrantes em Portugal, como porque se debruçam de forma específica sobre alguns aspectos, como por exemplo mercado de trabalho, representação mediática e identidades.

Embora em alguns casos a reunificação familiar ainda seja uma das principais vias de entrada das imigrantes no país, a configuração do mercado laboral português funciona também como um atrativo para essas mulheres, pois apresenta de forma abundante postos de trabalho no setor de serviços, no mercado informal e em atividades de cuidado e limpeza que, em geral, são os principais nichos onde a mão de obra imigrante feminina insere-se (Marques & Góis, 2012; Peixoto & et. al, 2006). No mais, como coloca Kofman (1999), o fato de que muitas mulheres imigram através da reunificação familiar não significa que não estejam envolvidas nesse deslocamento aspirações profissionais e individuais próprias, logo tal fato não deve ser usado para caracterizar as mulheres imigrantes como sujeitos passivos no processo migratório, por vezes, a imigração familiar configura-se como uma estratégia para que possam obter melhores possibilidades de inserção laboral e remuneração.

São vários os fatores que contribuem para a inserção das imigrantes em trabalhos precários em Portugal, desde os mecanismos de segregação sexual do mercado laboral que sistematicamente tem reservado às mulheres os postos menos qualificados, com baixo prestígio social e remuneração (Ferreira, 1998, 2010), aos mecanismos de segregação étnico-raciais que hierarquizam a população imigrante de acordo com raça, nacionalidade e traços étnicos (Pereira, 2010). As consequências de tal modo de inserção são em sua maioria negativas, contribuindo para o isolamento e a exclusão social dessa população.

Ocupações com baixo estatuto, altos níveis de desemprego, más condições de trabalho e falta de oportunidade de progressão constituem causas, mas também consequências, de outros factores que contribuem para a marginalização de minorias: incapacidade legal, insegurança no estatuto de residência, concentração em áreas residenciais pobres, propensão para o insucesso e abandono escolar, baixas

qualificações, (Castles e Miller, 1998: 183) e manutenção de um estatuto sócio-económico associado à pobreza e à exclusão social. (Pereira, 2010, p. 23).

Isto é, uma inserção laboral precária resulta em uma inserção social igualmente precária, exposta a altos níveis de exploração, vulnerabilidade e segregação social. No caso das imigrantes a situação de precariedade laboral age também no sentido de reforçar as desigualdades de gênero, uma vez que as imigrantes são ainda mais afetadas do que os homens pelo desemprego (Peixoto & Iorio, 2010).

Ressaltaria ainda dois pontos importantes no que se refere a presença de mulheres imigrantes em Portugal. O primeiro diz respeito ao papel dos estereótipos acerca dessas mulheres no processo de inserção/exclusão social. Segundo Marques e Góis (2012) parece haver uma série de estereótipos negativos na sociedade portuguesa sobre as imigrantes, ligados especialmente a sexualização, que influenciam na maneira como elas são integradas/excluídas. Vários são os espaços e os discursos que contribuem para esse processo, sendo a comunicação social um dos mais fundamentais. De acordo com C. A. Santos (2007), além das matérias sobre as imigrantes serem muito reduzidas na mídia portuguesa, a imagem dessas mulheres na imprensa está relacionada sobretudo ao erótico, exótico, marginalidade e criminalidade.

Importante perceber que quando a autora refere que nos media portugueses as mulheres imigrantes são apresentadas como sexualizadas e associadas à criminalização e atividades ilegais não são todas que se enquadram nesse estereótipos, às mulheres vindas da própria Europa ou de outros países desenvolvidos reserva-se um discurso diferenciado. Ao que parece, tais imigrantes em geral estão associadas à imagens positivas de mulheres altamente qualificadas, diferenciando-se, portanto, das associações negativas às imigrantes vindas dos países em desenvolvimento, sobretudo da África, do Brasil. Ou seja, a posição que os países ocupam na geopolítica mundial também se faz sentir na estratificação étnico-racial da sociedade portuguesa.

O outro ponto concerne ao tráfico de seres humanos, não só para fins de exploração sexual, mas também para fins de trabalho em atividades nos setores informais sob altos níveis de exploração. A diversidade de variáveis envolvidas nas situações de tráfico desde a autonomia das mulheres, ao papel do Estado no controle de fronteiras, a criminalização da imigração, como das redes organizadas fazem desse um fenômeno que não pode ser analisado a partir de perspectiva única. *“O tráfico sexual está longe de ser um problema isolado. As suas causas estão intrinsecamente relacionadas com outros fenómenos sociais, económicos, políticos e culturais, pelo que vários são os direitos violados numa situação de tráfico, como os seus responsáveis”* (Santos, Gomes, & Duarte, 2009, p. 71). Portanto, diante da complexidade do tema não tenho como objetivo nesse trabalho discutir a fundo essas questões, mas acredito não ser possível falar de imigração feminina sem considerar o papel dessa atividade.

Se por um lado esse fenômeno parece estar circunscrito a uma realidade restrita e submersa, por outro os efeitos do discurso público em torno do tráfico de mulheres são sentidos de forma intensa no processo de inclusão/exclusão social das imigrantes. Segundo Santos et al. (2009) a mídia portuguesa contribui de forma definitiva para o aumento da associação entre mulheres traficadas e criminalidade, ao invés de serem retratadas como “vítimas” desse crime são demonizadas e apresentadas como causadoras de problema para a ordem nacional, ou seja dá-se, mais uma vez, uma visibilidade negativa a essas mulheres.

É dentro desse contexto repleto de desigualdades sociais e raciais que se sucedeu a feminização da imigração brasileira, no tópico a seguir deter-me-ei de forma mais detalhada nesse processo.

2. A IMIGRANTE BRASILEIRA EM PORTUGAL

De forma inicialmente modesta, foi no pós 75 que se identificou a chegada dos primeiros grupos de imigrantes do Brasil, gerando o que futuramente viria figurar como uma das correntes migratórias mais importantes para Portugal. As características de modernização e desenvolvimento econômico e político do país após o 25 de Abril são alguns dos principais motivos de atração para esse fluxo, somado à situação que

o Brasil vivia naquele momento – ditadura militar, crises econômicas constantes, inflação e altos níveis de desemprego.

Quando comparado com os demais países da Europa, Portugal se modernizou tardiamente, precisando com urgência de mão de obra qualificada para assumir os novos postos de trabalho que eram gerados. Porém devido a ditadura “*retrógrada, colonial e isolacionista*” (Reis, 2004, p.85) que assolou o país entre 1926-1974, a sociedade portuguesa ainda conservava características agrárias e rurais e apesar de alguns setores apresentarem um desenvolvimento industrial interno intenso (Reis, 2004), os níveis de qualificação da população nacional eram baixos e insuficientes para atender a necessidade de especialização das novas ofertas de trabalho. Assim, recrutar mão de obra imigrante qualificada era uma opção viável e eficaz para Portugal. Ao mesmo tempo, devido as difíceis condições políticas e econômicas do Brasil, a emigração para a ex-metrópole mostrava-se como atrativa para profissionais brasileiros/as com altos níveis de qualificação, em especial após a adesão de Portugal à União Europeia que acelerou o desenvolvimento econômico do país. Foi nesse contexto de oferta de trabalho qualificado e ritmo de desenvolvimento contínuo que os/as primeiros/as imigrantes do Brasil chegaram em Portugal.

Após esse momento que se estendeu até a segunda metade da década de 90, o mercado de trabalho português começou a apresentar novas características, dentre elas investimentos em grandes obras de infraestrutura, intensificação do crescimento do setor de serviços, aumento da qualificação da mão de obra nacional, início do processo de precarização e flexibilização laboral. Simultaneamente a essas transformações, o perfil da população brasileira que imigrava para Portugal também modificou-se; crescimento numérico intenso, níveis de qualificação mais baixos e presença significativa de mulheres. Dava-se início a chamada “Segunda Vaga” da imigração brasileira para Portugal com características que se conservam até os dias atuais (Casa do Brasil, 2007; Malheiros, 2007).

Segundo os dados do SEF (2011), atualmente as imigrantes brasileiras não só representam o maior grupo de mulheres imigrantes em Portugal, como também são superiores aos seus compatriotas. Quando comparada a todas as nacionalidade de imigrantes no país, as brasileiras representam 33% dessa população. Não sendo portanto, errado afirmar que o fluxo migratório brasileiro feminino para Portugal ao longo dos anos consolidou-se como tendência.

Segundo os dados do projeto de investigação “Vagas Atlânticas: A Imigração brasileira para Portugal” (Peixoto, Padilla, Gois&Marques, n.d.) o perfil das imigrantes brasileiras pode ser resumido como sendo mulheres jovens, em idade economicamente ativa, entre 25 e 40 anos, relativamente bem qualificadas tendo concluído até o 12º ano e por vezes a licenciatura, solteiras e sem filhos/as. Os estudos de (Padilla, 2007) acrescentam que se trata de mulheres que imigraram sozinhas, de maneira autônoma e independentes de um projeto familiar, ainda que isso não signifique que não tenham responsabilidades com familiares no país de origem, pois por vezes são elas quem, mesmo a distância, ainda cuidam afetiva e economicamente dos filhos/as, pais ou mães.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, essas mulheres reproduzem o padrão de inserção laboral das imigrantes dos países terceiros, isto é, assumem postos de trabalho em sua maioria precários, instáveis e mal remunerados, nos setores de serviço, limpeza e cuidado (França, 2010; Peixoto & et. al, 2006; Peixoto & Iorio, 2010). Porém, chama a atenção também a forte presença dessas imigrantes em atividades de atendimento ao público – restaurantes, bares, cafês, vendas –, setor de turismo e estética (Padilla, 2007, 2008) aproximando-se daquilo que Fernandes(2008) identifica como mercado da simpatia. O imaginário existente em Portugal que associar as mulheres brasileiras à atributos como beleza, alegria, cuidado e sedução é apresentado como o principal motivo para esse tipo de inserção. No que diz respeito ao ramo da estética Malheiros e Padilla (2010, p. 148) afirmam que “*Neste caso, os estereótipos que identificam as brasileiras como mulheres que cuidam do corpo parece ser aproveitado como um recurso de género e étnico que lhes permite oferecer inovação e profissionalismo nessa área específica*”.

O problema desse estereótipo reside em dois pontos principais, o primeiro seria que muito facilmente se ultrapassa a linha entre a imagem das imigrantes brasileiras simpáticas, alegres e cuidadosas e a de mulheres eróticas e sexualizadas, conduzindo a uma associação frequente com atividades de prostituição e do mercado

do sexo (Padilla, 2007). As imigrantes brasileiras em Portugal são racializadas como mestiças (Piscitelli, 2008) independentes da cor da pele e assim como acontece com as negras e mulatas no Brasil sofrem um processo de hipersexualização “*ancorado nas imagens de seu passo escravo, de corpo-procriação e/ou corpo-objeto do prazer do macho senhor*”(Baptista & Rosemberg, 2008, p. 84). Ou seja, tal estereótipo contribui para a reprodução do imaginário colonial português em relação as brasileiras, colocando-as em uma posição hipersexualizada e de subalterna, ao mesmo tempo que funciona como uma forma de violência simbólica, que acaba por justificar atitudes discriminatórias e racistas.

Segundo Gomes(2011) são diversos os discursos, tanto no Brasil como em Portugal, que contribuem para a legitimação desse estereótipo em relação as brasileiras, midiáticos, oficiais, acadêmicos e institucionais, assim como a indústria do turismo. Todos montados em cima de um imaginário colonial que constrói e reproduz racismos.

O fenômeno de racialização sexualizada que se desenvolve em torno das brasileiras mostra como são diversos os marcadores de diferenças que interagem na experiência migratória dessas mulheres, denunciando a importância de se discutir a imigração feminina considerando como raça, gênero, classe social e nacionalidade interseccionam-se. Compreendendo interseccionalidade aqui não como uma soma de categorias que se sobrepõem uma a outra de maneira aditiva, mas sim como o lugar que aponta para as ausências, as especificidades e singularidades das experiências que em geral se deixa passar quando se analisa cada um desses marcadores em separado. Compartilhocom Brah e Phoenix (2005, p. 74) o entendimento de que a interseccionalidade é um conceito que possibilita compreender como “*efeitos complexos, irreduzíveis, variados e variáveis se seguem quando múltiplos eixos de diferenciação – econômicos, políticos, culturais, psíquicos, subjetivos e experienciais – se intersectam em contextos históricos específicos*”.

Dentre alguns exemplos recentes de como o discurso midiático apresenta as mulheres brasileiras em Portugal tem-se o programa de televisão “Café Central” da Rede de Televisão Portuguesa - RTP que trazia em seu enredo uma personagem hipersexualizada, com sotaque brasileiro, com a qual os demais personagens sempre dirigiam-se com comentários e piadas com conotação sexual; a matéria da revista FOCUS de agosto de 2010 que abordava a questão dos casamentos mistos entre portugueses e brasileiras, referindo-se como as brasileiras são mais abertas sexualmente do que as portuguesas. Tais exemplos ilustram as análises de Pontes(2004, pp. 254–255) que afirma que

as representações sobre as mulheres brasileiras na mídia portuguesa envolvem imagens etnicizadas que condensam e transformam diferentes marcadores sociais (gênero, “raça” e nacionalidade) em processos de exotização e sexualização, derivando /resultando num estatuto inferiorizado. Os atributos envolvidos nestes processos remetem à noção de mestiçagem, de sexualidade exacerbada, de clandestinidade, de uma alteridade tropicalizada que, constituída ao longo de diferentes processos históricos, derivam/resultam na hierarquização da sociedade produtora dos discursos.

Portanto, o estudo da inserção das mulheres brasileiras no mercado de trabalho português exige que se analise mais do que as dinâmicas de poder e precarização já existentes nesse processo e considere-se também os efeitos desse imaginário colonial, uma vez que ele acompanhará toda a trajetória migratória dessas mulheres.

3. METODOLOGIA

A orientação metodológica de base para esse estudo foi de cunho qualitativo, guiada pelos princípios da auto-reflexividade, questionando, entre várias coisas, quais os efeitos da minha postura de investigadora no campo e em mim mesma. Em nenhum momento almejei alcançar a tal neutralidade científica exigida pelas ciências modernas, pois o conhecimento que busco construir abre espaço para que as emoções e as experiências femininas sejam resgatadas. Essa preocupação se dá pela compreensão de que: “*As formas pelas quais problematizamos uma questão afetam o modo como a investigamos, tanto quanto diferentes métodos*

de investigação destacam diferentes evidências e, assim, podem conduzir a diferentes resultados”(Narvaz & Koller, 2006, p. 648). Complementar a isso, entendo que a escolha de uma determinada metodologia é um ato político, sustentado por pressupostos ideológicos que não podem ser minimizados, de maneira que para além de adotar um enfoque qualitativo, assumo também seu caráter feminista. Busco dessa forma dar visibilidade para as experiências das mulheres brasileira imigrantes em Portugal, destacando a opressão de gênero, de raça e classe social as quais são submetidas.

Nesse sentido, foram entrevistadas 15 mulheres brasileiras imigrantes em Portugal, em idade economicamente ativa, que estivessem trabalhando ou em situação de desemprego. Posteriormente, as entrevistas foram analisadas à luz dos pressupostos da Análise de discurso crítica (ACD), compreendendo o discurso como prática social, historicamente situada que ao mesmo tempo que é moldado pela estrutura social é constitutivo da mesma (Fairclough, 2001; Resende & Ramalho, 2006).

A opção por essa escola de estudo também se dá pelo fato de que a ACD preocupa-se sobretudo com as relações de dominação, uso abusivo do poder e como os discursos atuam no sentido de criar, legitimar e reproduzir as desigualdades sociais (van Dijk, 2010). Sendo, as experiências femininas marcada em grande parte pela opressão do poder patriarcal, tal compreensão mostra-se coerente com os objetivos desse trabalho. “De muitas maneiras, o trabalho feminista tornou-se paradigmático para muitas análises do discurso, especialmente porque a maioria desses trabalhos lida explicitamente com a desigualdade social e a dominação” (van Dijk, 2010, p. 124).

Em momento algum tive a pretensão de classificar, fixar ou aprisionar o discurso dessas mulheres imigrantes em categorias pré-definidas. Visto que conceber o discurso como prática social é buscar investigar as regras coletivas que estruturam os comportamentos, analisando também como as formas e regras são questionadas e transformadas.

4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

O perfil das entrevistadas vai ao encontro daquele traçado nos estudos já citados, são mulheres jovens, em idade economicamente ativa, entre 28 e 36 anos, que trabalham sobretudo com atendimento em restaurantes e cafés, no ramo da estética e cuidado de pessoas.

Os motivos enunciados pelas entrevistadas para migrar são variados entre eles vontade de conhecer outro país, decepções amorosas, razões familiares e o desejo de viver uma vida melhor. Porém, há um elemento que, mesmo não sendo explicitamente nomeado, perpassa o discurso de todas as mulheres: as questões laborais.

Beatriz: no começo a ideia era que eu vinha pra trabalhar, mas eu não fazia ideia do que se passava. Que era lindo e maravilhoso, todo mundo vinha para Europa pra trabalhar e ganhar dinheiro. É o que a gente ouvia falar. A gente só sabe depois que passa.

Cecília: Nós estávamos numa situação no Brasil, nós temos a nossa casa própria e a gente não tava conseguindo nem pagar as contas de casa, o trabalho não dava. Não tava tendo condições, quando a minha sogra, um dia teve que comprar a fralda do Pedro, eu pirei, falei “não”, pera ai, tem alguma coisa de errado aqui. [...] Aí um belo dia meu marido chegou lá em casa, meio chateado, faltando a ponta dos dedos, todo sangrando, mas. começou a ficar desesperado, ‘eu não aguento mais, que é que a gente vai fazer. ai eu disse: ‘vambora, vamo para Europa, lá o trabalho dá mais dinheiro, todo mundo diz’.

Os depoimentos de Beatriz e Cecília reafirmam o papel central que o trabalho tem na organização da sociedade e também na vida dos indivíduos. É a crença que elas têm no trabalho como um meio de ascensão social e melhoria de vida que funciona como disparador do movimento migratório.

Esses enxertos mostram também aquilo que van Dijk (2010) refere-se como sendo o “acesso ao discurso”, aspecto que funciona como mais um marcador das desigualdades do poder social, contribuindo para reforçar os mecanismos de dominância e discriminação. As entrevistadas referem-se apenas a um determinado tipo de

discurso acerca da Europa – em geral de pessoas conhecidas, igualmente imigrantes – não mencionando outras fontes. Sem deslegitimar o valor do discurso cotidiano, sabe-se, que em geral, os/as imigrantes tendem a descrever a situação em que vivem no exterior de forma superior ao que realmente ela é, em uma tentativa de provar que o projeto migratório foi bem sucedido. Nesse caso, os discursos acadêmicos ou políticos, via de regra, são mais críticos e realistas sobre a situação de imigrantes no mercado laboral. Porém, tais discursos em geral circulam em ambiente restritos a pessoas que possuem altos níveis de capital social e cultural.

Luisa tem 22 anos, concluiu o 9º ano em Portugal e sempre morou em Coimbra. Migrou por motivos familiares (a mamãe já moravano país há alguns anos) e atualmente trabalha em um café. Quando perguntada sobre onde preferia trabalhar, a resposta foi:

Luisa: Na cozinha é bom porque não tem ninguém olhando a gente, o que a gente faz ou deixar de fazer. Lá fora fica todo mundo olhando a gente. E as vezes incomoda porque eles não sabem disfarçar e tem vezes que ficam olhando pra gente com um olhar assim, principalmente os homens, com olhar de desejo. Dá uma agonia, dá uma... eu fico com vergonha.

O discurso de Luisa é claro em apontar a posição sexualizada que é reservada às mulheres brasileiras na sociedade portuguesa. A entrevistada prefere sempre que possível esconder-se, invisibilizar-se, isto é, trabalhar na cozinha para não ser alvo de olhares opressivos e humilhantes. Sabe-se que em geral as atendentes de mesa recebem gorjetas, o que funciona como um reforço no orçamento, contudo para Luisa é preferível abrir mão dessa remuneração extra, para não submeter-se a essa situação.

Lily: Acho que mulher brasileira é uma mulher linda, independente, bem resolvida, independente de ser prostituta ou não ser. Batalhadora, trabalhadora. Nesse ponto em relação as portuguesas acho que a gente ta bem melhor. Os homens falam que as portuguesas não são carinhosas, não são dada a beijos, aquela coisa que a gente é beijoqueira, carinhosa.

Januária: Nós brasileiras, a gente faz diferente das cabo verdianas. Elas fingem que limpam, uma coisa assim mal feita. Isso a gente faz diferente. Além da gente ser mais abertas, deixar as pessoas mais a vontade, o trabalho assim em geral é melhor, talvez porque quando a gente ta fazendo alguma coisa a gente gosta de fazer bem feito, não importa o que tô a fazer se é uma limpeza ou é uma depilação, a gente gosta bem feito.

Ao referirem-se sobre a ideia que têm acerca da mulher brasileira enfatizando aspectos como beleza, simpatia, cuidado as entrevistadas reproduzem elementos do discurso dominante que circula no imaginário português. Ao mesmo tempo, utilizam-se dele para justificar positivamente sua inserção laboral precária e para desqualificar as demais mulheres (portuguesas e africanas). Isto é, acabam por reproduzir o mesmo mecanismo de dominação e opressão ao qual são subordinadas.

Lígia: eu tenho o habito de trabalhar rápido, e de fazer bem feito. Então elas tem em mente que toda brasileira sabe trabalhar e fazer estética. Mas por outro lado eu sentia que havia discriminação dessas senhoras que tinham preconceito... porque teve uma época que teve uma história em Braga que as prostitutas foram mandadas embora da cidade que saiu direito na TV, por isso elas pensam isso.

Ana: Tem essa ideia de que as brasileiras trabalham melhor. A gente faz melhor a manicure, a depilação total. Esse era o lado bom, mas também tinha o lado da insinuação sexual, ou também pensavam por exemplo que toda brasileira é bruxa, põe taro é astróloga.

Porém, mesmo que se utilizem do discurso da beleza e da simpatia para justificar o tipo de inserção laboral subalterna e para colocar-se em um patamar (falsamente) superior as demais mulheres, elas também identificam situações de discriminação e preconceito aos quais são expostas. Como, se vê nos depoimentos acima, Lígia repete que as brasileiras “fazem bem feito”, ou seja, qualifica seu trabalho como superior, porém relata também identificar preconceitos e discriminação, ela associa tal feito ao peso do discurso midiático na associação entre mulheres brasileiras e prostituição.

Teresinha: Pelo fato de ser brasileira, tem o estigma mesmo. De ser puta. Batia na porta para oferecer os pacotes da MEO, por exemplo, aconteceu duas, três vezes comigo mesmo, e uma aqui em Coimbra. Batia na

porta, o senhor abrir vinha falar comigo e a senhora “ta a falar com quem?”... “ah, é que essa senhora veio aqui, não sei o que...” “ah, brasileira...” “Platf”, batia a porta na cara.

O exemplo de Teresinha é um entre vários sobre como as imigrantes brasileiras são segregadas e excluídas por conta do estigma da hipersexualidade, parece existir no imaginário português uma entidade denominada “mulher brasileira” associada às atividades sexuais que serve de base para desqualificar toda e qualquer imigrante vinda do Brasil.

Lia: Uma vez chegou no restaurante uma mulher com um velho, ela linda e um velho caindo os pedaços. Ai eu disse é brasileira vai lá ver.. ai eu passei por ele era português, o cara pediu um chandon 80 euros a garrafa, ai quando eu fui lá que ela abriu a boca para fazer o pedido, falou que também era brasileira: “ai que eu sou de Rondônia”, ai eu falei “fudeu...”. Não adianta

Geni: Mas a gente mesmo... quando vê logo uma brasileira mais enxerida pensa , desculpa ai a expressão. Mas é que a gente mesmo faz julgamento..

Percebe-se no depoimento das entrevistadas uma posição de repetição e reprodução do discurso dominante no que diz respeito às mulheres brasileiras, prostituição e casamentos por conveniência. Elas reafirmam a existência desse “tipo de mulher”, assim como procuram diferenciar-se dele, isto é, criam uma categoria de “outras brasileiras” as quais encarnam todo o estereótipo existente na sociedade portuguesa. Nesse sentido, o discurso dominante não apenas gera desigualdades entre mulheres brasileiras e as nacionais, como também dentro do próprio grupo de imigrantes brasileiras. Inicia-se assim um processo de diferenciação no qual existe um determinado tipo de mulheres brasileiras que é socialmente aceito e que se distancia do estereótipo hipersexualizado e outro que personifica o imaginário colonial existente na sociedade portuguesa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A feminização da imigração brasileira em Portugal aproxima-se do modelo de imigração feminina do sudeste Europeu proposto por King e Zontini (2000), isto é, inserção laboral em postos precários que reproduzem os estereótipos de gênero e apresenta altos níveis de vulnerabilidade e segregação social, porém com algumas particularidades. A imagem da mulher brasileira no país é de mulheres alegres, festivas, simpáticas, cuidadosas e bonitas, o que em uma análise superficial poderia ser avaliado de forma positiva, principalmente porque tais atributos funcionam como uma porta de entrada para atividades no mercado de trabalho que exigem trato com pessoas – atendimento em restaurantes, bares, cafés, postos de vendas e cuidados. Porém, existem outros motivos que justificam essa modalidade de inserção, nomeadamente, precariedade, instabilidade, má remuneração e baixa proteção laboral, motivos que acabam por ser encobertos atrás do discurso da simpatia e da beleza. Ou seja, a opção por empregar mulheres brasileiras parece mais relacionada pela aceitação que essa população apresenta diante de altos níveis de exploração laboral, do que pelos atributos constantemente evocados.

Esse mesmo discurso da simpatia e beleza serve de base para reforçar o discurso colonial que hipersexualiza e racializa as mulheres brasileiras como a mulata erótica. A linha entre o discurso da beleza e da sexualização é muito tênue. Para além da violência simbólica que tal discurso representa, ele contribui para a segregação e marginalização social das brasileiras, reforçando os padrões de inserção laboral precário dessas imigrantes.

São inúmeros os agentes que contribuem para a difusão desse discurso colonial, colocando-o como hegemônico e dominante – médias, órgãos oficiais, indústria do turismo (Gomes, 2011) e por vezes as próprias brasileiras reproduzem-no. Elas justificam o padrão precário de inserção laboral a partir da beleza e simpatia, sem considerar os níveis de exploração a que estão submetidas e tampouco reconhecem nas entrelinhas o processo de subordinação sexual.

Igualmente, as brasileiras utilizam-se desse discurso para sustentar um lugar de suposta superioridade em relação aos demais grupos de mulheres – sejam portuguesas ou imigrantes – bem como para diferenciarem-

se das “outras” brasileiras que estão envolvidas com atividades de prostituição, mercado do sexo ou casamento por conveniência. Isto é, o mesmo discurso dominante acerca da mulher brasileira erotizada e racializada é reproduzido de forma acrítica por elas tanto para justificar a inserção laboral, como para, falsamente, diferenciar-se de maneira superior das demais mulheres.

O discurso acerca das brasileiras como mulheres bonitas e simpáticas versus sedutoras e sexualizadas não é contraditório, tampouco excludente, ele se retroalimenta. O discurso da simpatia encobre o racismo e a intolerância existente na sociedade portuguesa para com as imigrantes brasileiras. Para todos os efeitos o discurso oficial não é aquele que associa brasileiras à prostituição, mas sim é o da simpatia, preservando assim a imagem internacional de Portugal de um país tolerante e acolhedor. Esse mecanismo de negação do racismo segundo van Dijk (van Dijk, 2010) é uma das características centrais do racismo contemporâneo.

O caso das imigrantes brasileiras mostra-se permeado por diversas particularidades, justificando, portanto, a necessidade de atenção redobrada quando analisado, bem como a relevância de mais estudos sobre o tema.

6. REFERÊNCIAS

- Baptista, P. V., & Rosemberg, F. (2008). Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. *Racismo e discurso na América Latina*, pp. 73–119, São Paulo: Contexto.
- Brah, A., & Phoenix, A. (2005). Ain't I a Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, 5, 75–86.
- Casa do Brasil. (2007). *A “Segunda Vaga” de Imigração Brasileira para Portugal (1998-2003)*. Lisboa: Casa do Brasil.
- Catarino, C. (2007). New Female Migrants in Portugal: A State of the Art. *Working Paper, N°5, WP4 February*.
- Estanque, E. (2005a). Trabalho, desigualdades sociais e sindicalismo. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 71, Junho, 113–140.
- Estanque, E. (2005b). Análise de classes e desigualdades sociais em Portugal: em defesa da perspectiva compreensiva. *Oficinas do Ces*, 221(CES).
- Fairclough, N. (2001). *Discurso e Mudança Social*. Brasília - Brasil: UNB.
- Fernandes, G. (2008). *Viver “Além-Mar”: Estrutura e experiência de brasileiras imigrantes na Região Metropolitana de Lisboa* (Dissertação). Universidade de Lisboa - Instituto de Ciências Sociais, Lisboa.
- Ferreira, V. (1998). Os paradoxos da situação das mulheres em Portugal. *Revista Crítica de Ciências Sociais*. Centro de Estudos Sociais - Universidade de Coimbra. Retrieved from <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/ficheiros/119.pdf>
- Ferreira, V. (2010). A evolução das desigualdades entre salários Masculinos e Femininos: Um percurso irregular. *A igualdade de Mulheres e Homens no trabalho e no emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias*, Edição Comemorativa dos trinta anos da lei de igualdade e da CITE. Lisboa: CITE.
- França, T. (2010). Excluindo sexo, raça e etnia: mulheres brasileiras trabalhadoras em Portugal. *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, 104–111.
- Góis, P., Marques, J. C., Padilla, B., & Peixoto, J. (2009). Segunda ou terceira vaga? As características da imigração brasileira recente em Portugal. *Revista Migrações - Número Temático Migrações entre Portugal e América Latina*, nº5(ACIDI), 111–113.
- Gomes, M. (2011). Mulheres brasileiras em Portugal e imaginários sociais: uma revisão crítica da literatura. *CIES e-Working Paper*, 206/2011(Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Universitário de Lisboa).

- King, R., & Zontini, E. (2000). The role of gender in the South European immigration model, *60*, 35–52.
- Kofman, E. (1999). Female “Birds of Passage” a decade later: gender and Immigration in the European Union. *International Migration Review*, *33*, Nº 2, 269–299.
- Malheiros, J. (2007). *A imigração Brasileira em Portugal*. Lisboa: ACIDI.
- Malheiros, J., & Padilla, B. (2010). *Mulheres Imigrantes Empreendedoras*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género - CIG.
- Marques, J. C., & Góis, P. (2012). *A emergência das imigrações no feminino*. Fórum Gulbenkian Migrações. Cascais: Principia.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2006). Metodologias feministas e estudos de género: articulando pesquisa, clínica e política. *Psicologia em Estudo*, *11*, 3, 647–654.
- Padilla, B. (2007). A imigrante brasileira em Portugal: considerando género na análise. *A imigração brasileira em Portugal* (pp. 113–135). Lisboa: Jorge Malheiros.
- Padilla, B. (2008). O empreendedorismo na perspectiva de género: Uma primeira aproximação ao Caso das Brasileiras em Portugal. *Revista Migrações - Número temático Empreendedorismo Imigrantes*, (ACIDI), 191–215.
- Padilla, B. (2010). Ser Brasileira em Portugal: imigração, género e colonialidade. *Atas do 1º Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa*, 113–120.
- Peixoto, J. (2007). Tráfico, Contrabando e imigração irregular. *Sociologia, Problemas e Práticas*, *53*, 71–90.
- Peixoto, J., & et. al. (2005). *O tráfico de migrantes em Portugal: perspectivas sociológicas, jurídicas e políticas*. Lisboa, Portugal: ACIME.
- Peixoto, J., & et. al. (2006). *Mulheres Migrantes: percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*. Lisboa, Portugal: ISEG.
- Peixoto, J., & et. al. (n.d.). *Vagas Atlânticas: a Imigração Brasileira em Portugal - Relatório Estatístico* (Relatório Estatístico). SOCIUS, CIES, CES.
- Peixoto, J., & Iorio, J. (2010). *Crise, imigração e mercado de trabalho em Portugal: retorno, regulação ou resistência*. Fórum Gulbenkian Migrações. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pereira, S. (2010). *Trabalhadores de Origem Africana em Portugal. O impacto das novas vagas na imigração*. Lisboa: Edições Colibri.
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e Cultura*, *11*, 263–274.
- Pontes, L. (2004). Mulheres brasileiras na mídia portuguesa. *Cadernos Pagu*, *23*, 229–256.
- Reis, J. (2004). Estado, Mercado e Comunidade: a economia portuguesa e a governação contemporânea. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, *70*, 81–100.
- Resende, V. de M., & Ramalho, V. (2006). *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto.
- Sabino, C., & Peixoto, J. (2009). Portugal: Immigration, the labour market and policy in Portugal: trends and prospects. *IDEA Working Paper*, 6.
- Santos, B. (2011). *Portugal: ensaio contra a autoflagelação*. Coimbra: Almedina.
- Santos, B. de S., Gomes, C., & Duarte, M. (2009). Tráfico sexual de mulheres: representações sobre ilegalidade e vitimação. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, *87*, 64–94.
- Santos, B., & et. al. (2007). *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*. Coimbra - Portugal: Centro de Estudos Sociais.

Santos, B., & et. al. (2010). Tráfico de mulheres para fins de exploração sexual em Portugal: um retrato empírico. *Tráfico Desumano*, Coleção de direitos humanos e cidadania (pp. 89–115). Observatório do tráfico de seres humanos.

Santos, C. A. (2007). *Imagens de mulheres imigrantes na imprensa portuguesa: análise do ano de 2003*. Acidi.

Serviços de Estrangeiros e Fronteiras, (SEF). (2011). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo* (Relatório Anual de Imigração). Lisboa, Portugal: Serviço de Estrangeiros e Fronteiras.

Tavares, M., Coelho, S., & Góis, M. (2009). *O debate epistemológico nos estudos feministas*. Presented at the Seminário Interdisciplinar Gênero e Ciências Sociais, Instituto Superior da Maia - Portugal.

van Dijk, T. (2010). *Discurso e Poder*. São Paulo: Contexto.

Wall, K., & et. al. (2005). Immigrant Women in Portugal: Migration, Trajectories, Mais Problems and Policies. *Working Paper*, (ICS, UL).